es precisamente cuando la justicia permite *poner ramo* para la venta de los vinos nuevos..».

O missionário Fr. João dos Santos testemunha o uso do *ramo* à porta das tabernas, na Índia, quando, na sua *Etiópia Oriental* (Evora, 1609) liv. I, cap. XV, refere o seguinte: «Outro elefante houve nesta ribeira, chamado Perico; muito nomeado e conhecido na India. Este era grande bebedo: e todas as vezes que passava por alguma casa onde estivesse *ramo de vinho*, se punha á porta, metia dentro a tromba, e não se bulia dali até lhe darem de beber» [1].

Cfr.: a) *O bom vinho não há mister ramo;* b) *Ter ramo à porta* (isto é, «ter venda de vinho, ou taberna»).

XLIV

Não ter eira ‖ nem beira

Variantes:

a) **Não ter eira, ‖ nem beira, ‖ nem ramo de figueira.**
b) **Não ter leira, ‖ nem beira.**
c) **Não ter beira, ‖ nem leira.**
d) **Não ter leira, ‖ nem beira, ‖ nem ramo de figueira.**
e) **Não ter eira, ‖ nem beira, ‖ nem pé de figueira.**
f) **Não ter casa, nem beira.**
g) **Não ter terra, nem leira, ‖ nem beira, ‖ nem ramo de figueira.**
h) **Não ter eira, ‖ nem beira, ‖ nem ninho.**
i) **Não ter lapa nem solapa.**
j) **Não ter casa, nem lar.**

Não possuir coisa alguma, ser extremamente pobre; viver na última miséria.

Todas estas formas se empregam, também, substituindo-se as palavras «não ter», por «sem».

A forma inicial é vulgar e corrente: «Uma noite um casal dos que *não teem eira nem beira*, acoitou-se ali». (Eduardo Noronha, *Memórias de um galego*). Pertence também ao folklore açoriano. (V. *Revista do Minho*, série V, n.º 4).

Quanto às restantes formas:

---

[1] Apud Caldas Aulete, *Selecta*, 1.ª parte, 7.ª ed., 1886, pág. 75.

a) É vulgar e encontra-se registada em Bento Pereira, em Rolland e no *Dic. Contemporâneo*. É também corrente no Alentejo. (V. *Revista do Minho*, série II, n.º 4): «Uma rapariga como minha sobrinha, *sem eira nem beira, nem ramo de figueira*, falando como quem tem morgados!» (A. F. Castilho, *Volta inesperada*.

b) Não é tão corrente, pelo menos na Estremadura: «...um pobrete *sem leira nem beira*, como eu que o digo, proprietário do dia e da noite, e herdeiro forçado de sete palmos de terra no cemitério». (Arnaldo Gama, *Caldeira de Pero Botelho*).

c) «Um pandilha, *sem beira nem leira*». (Camilo, *Brilhantes do Brasileiro*).

d) Vem nos *Materiais para a história das tradições populares do concelho de Esposende*, por José da Silva Vieira.

Em Sinfães reza-se esta oração a S. Jerónimo, protector contra o raio:

—¿Para onde vais S. Jerônimo?
—Vou espalhar a trovoada.
—Espalha-a bem espalhada,
lá para Castro-Marinho,
para onde não haja pão nem vinho,
nem bafinho de menino,
nem leira, nem beira,
nem raminho de figueira,
nem pedrinha de sal,
nem coisa a que faça mal [1].

e) Da tradição oral de Figueira de Castelo Rodrigo.

f) «Espinafre», lá na minha terra chama-se um valdevinos *sem casa nem beira*». (Camilo, *Morgado de Fafe em Lisboa*).

g) «Um pechibeque que *não tem terra, nem leira, nem beira, nem ramo de figueira...*». (Camilo, *Carlota Angela*).

h) «Um pintor tal não entrapa
sendo de tudo orphãozinho,
muito inho,
sem ter lapa nem solapa
eira, nem beira, nem ninho».

(António Prestes, *Autos*, pág. 347) [2].

i) António Prestes, no trecho anteriormente transcrito.

j) Da tradição oral.

Crioulo de Cabo-Verde: *Câ tên bêra, nên êra, nên ramo de figuêra* [3].

---

[1] Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 146.
[2] Apud. Dic. de Vieira, vb. «solapa».
[3] Botelho da Costa e Cústódio José Duarte, *O crioulo de Cabo-Verde*, in *Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa*, série n.º 6, pág. 325.

Por *eira* e *leira* devem entender-se «propriedades rústicas». Suponho que *beira* designa a «casa», tomando-se a parte (beira do telhado) pelo todo — conquanto no Minho (como nota Teófilo Braga in *O Povo Português*, I, 112) junto de cada casa isolada se conserva ainda em pequeno campo ou «beira».

De «figueira» diz Gubernatis (*Mythologie des plantes*) que os provérbios populares fizeram dela o simbolo da riqueza. Quem tem figos é rico.

Todavia, parece não ser nesta acepção simbólica que a «figueira» aparece em algumas variantes, pois seria realmente superabundante dizer-se que não tem riquezas quem não possui *beira* (= casa), *eira*, nem *leira* (= prédios rústicos).

¿A «figueira» aludirá a vestuário?

No *Génesis*, III, 7, refere-se que Adão e Eva, depois de terem cometido o pecado original, conheceram que estavam nus, coseram umas a outras folhas de figueira e fizeram delas umas cintas (aventais, segundo o original hebraico).

Diz Teófilo Braga, in *O Povo Português*, I, 261: «Do espirito do direito territorial se deduz um sistema de penalidade: a banição. O condenado era lançado fora da terra; nos forais velhos mandava-se que as suas casas fossem derrubadas. Temos ainda a locução: *Sem eira, nem beira, nem ramo de figueira*, para significar a extrema miséria».

Franceses: a) *N'avoir ni feu ni lieu;* b) *N'avoir ni maison ni buron* [1].

Inglês: *He has neither house nor home.*

XLV

Sábado, cobrança; domingo, lambança; segunda, fartura; terça, ainda dura; quarta, pouco farta; quinta, faminta; sexta esperança

Diz-se na Marinha Grande e alude à prodigalidade dos operários daquele conhecido centro industrial. O direetor desta Revista *informa-me porém que conhece um dictado, em parte análogo, ouvido noutra localidade.*

---

[1] O dic. de Larousse, vb. «buron», diz que no Auvergne, esta palavra signica «hutte de berger; fromagerie» — e regista o provérbio.